

As previsões de Cobra Coral, Mafalda e Fraga

ELIO GASPARI

Daqui a alguns meses sairá no Brasil um livro valioso. Chama-se "O demônio leva a melhor" e foi escrito por Edward Chancellor, um escritor com alguma experiência na banca. É um estudo sobre a especulação financeira, mas vale seu preço por conta de um trecho no qual mostra que a distinção entre o que é uma aposta e o que é um investimento remonta ao final do século passado. Há uma tendência para se misturar as duas coisas, e até o ano passado a ekipekonômica sustentava que governar é apostar. Falava-se em "a aposta do Real". O populismo cambial foi à garra e a expressão foi discretamente abandonada.

A distinção de Chancellor é simples: num investimento, aceita-se um risco existente.

Por exemplo, se alguém compra ações da Microsoft achando que elas vão subir está se associando a um risco existente da queda. No caso da aposta, cria-se o risco. Quem aposta num cavalo criou para si o risco de ele perder.

Pode-se apostar em ações como se aposta em cavalos, mas nesse caso o distinto não é um investidor, muito menos um formulador de política, é um apostador.

Apostadora foi a ekipekonômica quando jogou as finanças nacionais acreditando que o câmbio sobreva-

lorizado não seria testado pela crise asiática, nem pela russa.

Perderam e produziram dois anos de estagnação econômica. Ainda assim, não aprenderam a lição. Continuam apostando, divulgando cenários fantasiosos e iludindo a boa-fé do público.

O presidente do Banco Central, Armínio Fraga, revelou às repórteres Soraya Alencar e Sílvia Faria que o crescimento econômico neste ano deverá ficar abaixo dos 4% prometidos desde o ano passado.

Em primeiro lugar, ganha um convite para a Feira de Hannover quem for capaz de achar uma previsão desse tipo na coleção de discursos do presidente do Federal Reserve Bank, Alan Greenspan. Presidente de Banco Central prevendo indicadores econômicos é coisa de Cacique Cobra Coral ou de Madame Mafalda.

Em segundo lugar, vale a pena conferir o que vem a ser um crescimento de 4% no imaginário do tucanato. Em 1998 (ano eleitoral), FFHH dizia que "o Brasil não vai se conformar em crescer a 3% ao ano". Em julho, mais perto das eleições, pisava no acelerador:

"No fim deste ano, já estaremos rodando, de novo, a economia numa taxa de 3% a 4% ao ano, para que possamos chegar ao ano que vem com uma taxa maior ainda, mais sustentada, desde que tenhamos condições macroeconômicas."

Rodou 1998 e o PIB contraiu-se em 0,5%, o que significou uma queda da renda per capita de 2%. Rodou 1999, quando se deveria ter a tal "taxa maior ainda", e acabou-se com crescimento zero. A essa altura, a economia americana estava crescendo a 4% e em Pindorama a atividade que mais havia crescido na década fora a dos serviços de segurança privados (112%). Em abril do ano passado, quando o país ainda estava tonto com a desvalorização do real, os juros lunares e a recessão, o doutor Armínio Fraga reintroduziu a idéia de que neste ano o crescimento econômico superaria os 4%. Voltou a mencioná-los em maio. Em junho foi a vez de malan2002.com.br. De quebra, previa juros de um dígito antes do fim de 1999 e um saldo comercial de US 4 bilhões. Chegou-se à metade de 2000, os juros estão a 18,5% e o que seria superávit foi déficit.

O doutor Fraga persistiu na sua previsão até março deste ano. Falava em "até acima de 4%". Oferecia um crescimento da renda per capita de 3%. Embalado nessa cantata, FFHH anunciou que os 4% eram um "piso": "Chegou a hora de colher os frutos. Daqui por diante, é desenvolvimento, bem-estar e prosperidade".

Pois agora vem o doutor Armínio e anuncia que por causa da alta do preço do petróleo, da instabilidade do mercado internacional e do qua-

dro desfavorável da América Latina, a previsão de crescimento está abaixo dos 4%.

O barril de petróleo chegou a US\$ 30 em fevereiro, quando o presidente do BC ainda usava os números da Madame Mafalda.

Pior: em abril, o ministro da Fazenda dizia o seguinte: "Os maiores desafios, riscos e incertezas em torno da economia brasileira neste momento estão relacionados a fatores eminentemente domésticos, já que não há sinais de crise externa ou de mudanças bruscas no cenário econômico mundial." Um dos dois não teria entendido nada.

É um exagero supor que a ekipekonômica seja tão tosca a ponto de acreditar no que diz. Ela simplesmente ilude quem acredita nela, e acredita nela quem quer. Seu truque é simples. Dizem que a coisa está ruim hoje, mas melhorará amanhã. Fazem isso desde 1997.

Ao anunciar que os 4% ficam para depois, o Cacique Cobra Coral, falando por intermédio do presidente do Banco Central, fez sua previsão para o crescimento econômico do ano que vem:

"Minha conta é de 6,5%".

O pior disso tudo é que o melhor a se fazer é acreditar que o Cacique, a Madame e o doutor Armínio estejam certos.